

Vencer a crise económica por via democrática

Por SÉRGIO MOURÃO

Hoje fala-se muito da grande necessidade de sacrifícios e de muito trabalho, os únicos meios indispensáveis a pôr em prática para se conseguir superar a grave crise económica que o País efectivamente atravessa.

No entanto, continuamos a encontrar muitos elementos responsáveis junto da classe trabalhadora mais preocupados em injectar doses de sucessivas reivindicações do que em dar exemplo de trabalho. De sacrifícios não falamos porque desde sempre aprenderam «a sacrificar-se» pela sua

causa e como ninguém, diga-se em abono da verdade.

Quer queiramos quer não, a árvore das patacas está seca e, por mais que se abane, resta apenas esperar que o velho tronco apodreça. Isto sucede em muitas empresas, antes solidamente administradas em benefício dos empresários, e que os trabalhadores deixaram degradar pela incompetência e pelo oportunismo de alguns dos seus representantes, muitos dos quais aparecidos (não se sabe como) no comando das ope-

(Conclui na página 2)

A Imprensa Regional em crise

Não é segredo para ninguém que a Imprensa Regional atravessa uma das mais agudas crises da sua vida.

Se é certo que esta nunca foi desafogada, a situação anormal que o Mundo atravessa, atingiu-a em todos os sectores económicos e sociais da sua vida.

O papel subiu 400%; as tintas tiveram um aumento fabuloso e tendem a escassear; o preço dos tipos trepou desmesuradamente; depois as novas taxas dos C.T.T.; enfim, não há nos nossos escritórios e oficinas tipográficas, um único artigo, por modesto que seja,

que a sua aquisição não traduza um pesado encargo e aumento de despesa.

(Conclui na página 2)

REPAROS DA SEMANA

A violência destrói

Todos os louvores são devidos às entidades que, com extraordinário labor, têm procurado des-

mantelar as redes terroristas que vinham causando o pânico em diversas terras do País.

As investigações têm-se processado em bom ritmo, sendo, no entanto, de lamentar que alguns responsáveis tenham conseguido fugir para o estrangeiro antes de serem detidos.

A sociedade portuguesa, que o mesmo é dizer, o bom povo amante da paz, da concórdia e da disciplina social, que ama e quer o trabalho de reconstrução nacional, não pode estar à mercê de discólos e vândalos e de uns tantos mandatários que ainda se apoiam na força do dinheiro.

Caiu a máscara de uns tantos que não hesitaram entregar-se a vis manobras, na sombra, servindo desígnios ignóbeis e incitando ao ódio e à violência.

O resultado foi trágico com as depredações de bens materiais (bombas e incêndios) e a perda de algumas vidas humanas.

(Conclui na página 4)

Peregrinação à Penha

Presidida pelo Senhor Arcebispo Primaz, realiza-se no próximo domingo a Peregrinação Anual à Penha, cujo programa é o seguinte:

As 9,30 horas: Bênção aos Peregrinos na esplanada da Igreja dos Santos Passos, iniciando-se a marcha da Peregrinação que des-

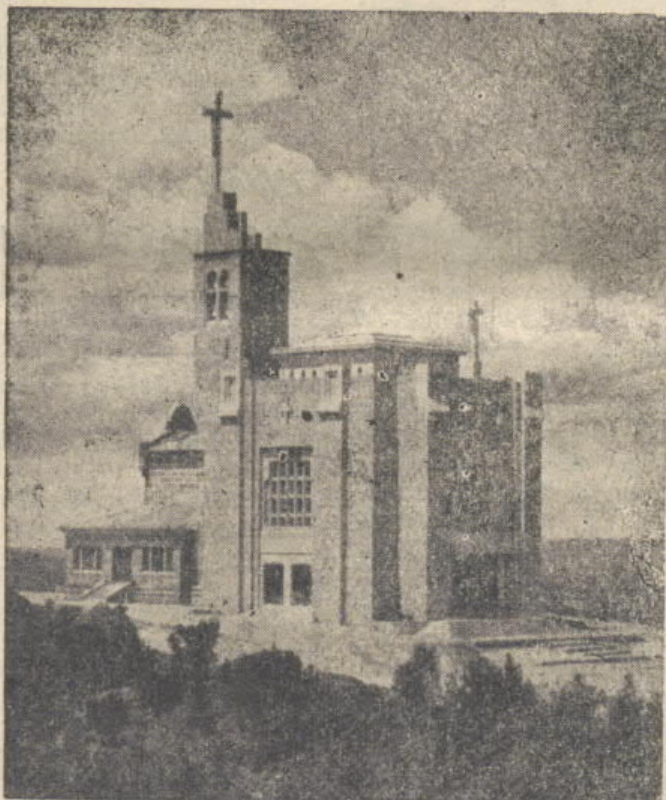
filará pela Rua Dr. José Sampaio — Via Costa.

NA PENHA

Missa Campal à chegada da Peregrinação.

Após a Santa Missa, Procissão

(Conclui na página 2)



Santuário Eucarístico da Penha

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

SEMANÁRIO REGIONALISTA
Publicação às sextas-feiras

Director
SOUSA MACHADO

Preço avulso 3\$00
— AVENÇA —

Guimarães: Problemas e Projectos

Cursos Tecnológicos

uma promessa a cumprir

Por GERMANO SILVA

as polémicas que se têm gerado em torno deste assunto. Do que não há dúvida é que

incluída, continuem a reivindicar aquilo a que se julgam com absoluto direito. Além de

Igreja
da Oliveira
e Padrão
do Salado



desde o início da criação da Universidade do Minho que tais cursos foram destinados a Guimarães. Daí que as entidades desta cidade, Câmara

outros motivos, como adiante se verá no depoimento que recolhemos do Sr. José Lopes:

— Guimarães, ao reivindicar (Conclui na página 2)

AO CORRER DA PENA...

Para quando os Cursos Tecnológicos?

Os meses de férias ocasionam um espaço de tempo, vago de interesse na vida cidadina. As próprias esperanças também fazem vilegiatura e os assuntos de maior transcendência acusam o direito a repouso. Os tempos de Estio foram sempre mortos, enquanto, o Outono, foi sempre a quadra do ano mais activa e fecunda. Pensa-se no Verão aquilo que se deve fazer no Outono.

Todavia, o *Jornal de Notícias*, do Porto, de 24 de Agosto, publicou na «última página» um artigo de impressões sobre assuntos vimaranenses, intitulado «Guimarães: Problemas e Projectos», com o subtítulo «Cursos Tecnológicos — Uma Promessa a Cumprir», da autoria

(Conclui na página 3)

Breves reflexões

Sim, é um livro formoso, aquele que D. Maria da Glória T. de Vasconcelos escreveu e a que deu o título de *Último Livro*. Oxalá o não seja. A veneranda Senhora, irmã desse imortal Teixeira de Pascoaes, burilou esmeraldas em prosa, resplandecentes como o sol e harmoniosas de estilo como um cântico de rouxinol. Não—não é um paradoxo de linguagem o que escreveu um crítico: —

(Conclui na página 3)

GUIMARÃES:

Problemas e Projectos

(Conclusão da 1.ª página)

para a sua área os Cursos Tecnológicos, não está a tirar nada a ninguém. Os Cursos Tecnológicos estiveram sempre destinados a Guimarães. Nunca foi levantada sequer a hipótese de serem implantados noutra localidade que não Guimarães. Esta é a grande verdade de todo este problema. Aliás quando se começou a falar na criação de um Campo Universitário foram estudadas várias soluções e das áreas seleccionadas como ideais para a implantação daquele campo as duas principais eram no concelho de Guimarães. O importante não era saber se a área estava neste ou naquele concelho mas sim que a área escolhida era a que reunia as melhores condições de trabalho. Parece não ter sido entendido assim e a partir de então Braga condenou a centralização da Universidade considerando tal medida um erro e adiantou mesmo propostas no sentido de ser concretizada a bipolarização. É curioso notar que hoje se defendem pontos de vista totalmente diferentes. Temos que dizer que não se pode pôr em dúvida que a posição correcta, ao pensar nas Tecnológicas tem que ser a sua localização nesta cidade. Não por se tratar de Guimarães, mas porque de facto um estudo sumário aponta no sentido de que a localização mais indicada será efectivamente Guimarães pelos motivos de que tem aqui a indústria onde se poderão processar as aulas práticas. A universidade não se destina a servir só Braga ou exclusivamente Guimarães mas toda a região do Minho e esta zona altamente industrializada não pode ficar esquecida. O Governo já reconheceu que outra solução não deverá ser tomada se não a de criar estes dois pólos universitários e portanto resolveu, e achamos que muito bem, não ceder a pressões com carácter bairrista e apontou com firmeza para a solução que é a da criação das Tecnológicas de Guimarães. O que é necessário agora é avançar rapidamente e Guimarães deu já os primeiros passos no sentido de a Comissão Instaladora proceder aos estudos necessários com vista às expropriações que houver de fazer e para se proceder rapidamente à construção dos pré-fabricados.

Zona Medieval

Guimarães. Em cada recanto uma evocação histórica. Aqui um templo onde os reis oraram. Além uma muralha autêntica legenda de um passado cheio de feitos guerreiros. Numa larga zona da cidade a evocação do passado é perene. Que tem feito a Câmara ou que pensa fazer para salvaguardar esse rico património e para dele tirar o melhor proveito?

A Câmara está empenhada na valorização da parte antiga da cidade que vai agora ser enriquecida com a abertura de uma estalagem já na fase de acabamento no Largo da Oliveira. Estamos muito empenhados em salvaguardar toda essa zona maravilhosa da ci-

dade. Algumas medidas tendentes a valorizar esse património foram já tomadas como por exemplo a proibição do estacionamento de veículos em determinados locais para evitar a delapidação da pedra. Por outro lado esperamos poder aproveitar essa zona para manifestações de carácter cultural como representações teatrais, exposições, etc. Já ali se fizeram algumas representações e verificamos que elas tiveram da parte do público um acolhimento muito grande o que nos anima a prosseguir. Quanto às exposições é nossa intenção que ali se desloquem artistas mas que não se limitem a expor os seus trabalhos. Desejamos que dêem aulas às crianças ou adultos que queiram aprender.

Reforma Administrativa

Necessariamente, como aliás se compreenderá, o Sr. José Lopes tem vindo a desenvolver os problemas mais prementes de Guimarães muito resumidamente. A isso nos impõe as restrições do espaço e do tempo. Mas há um assunto que gostaríamos de ver tratado ainda. É o da descentralização administrativa e financeira das Câmaras. O Senhor José Lopes tem acerca deste assunto uma opinião muito válida. Ei-la:

— Há necessidade absoluta de dotar as Câmaras com uma autonomia verdadeira de modo a que elas possam ter capacidade financeira autónoma para poderem saber, concretamente, com o que podem dispor para poderem satisfazer as necessidades das populações e não estarem atidas a projectos e mais projectos e à espera de comparticipações que não sabem nunca quando virão ou mesmo se chegarão a concretizar-se.

— Como acha que seria possível conseguir essa autonomia?

— Um dos meios terá de ser a partir das receitas, dos impostos que as Câmaras passarão a cobrar directamente. Tem de ser forçosamente a partir daí que se tem de começar. Fala-se muito já na reforma administrativa mas até ao momento não se verificou qualquer avanço nesse sentido e, em contrapartida, está-se a verificar que a maioria das Câmaras não conseguem realizar as grandes tarefas que têm para fazer. As populações, hoje, confiam abertamente nas Câmaras. Esperam que elas realizem as tarefas de que estão incumbidas. Portanto não se pode estar a viver com as promessas deste ou daquele departamento mas precisamos de sentir que temos capacidade financeira para dar andamento a este ou àquele projecto. Eu acredito que a reforma administrativa não tardará. É a única maneira de as Câmaras poderem desempenhar um importante papel nesta fase da nova vida do país. Concretamente no que respeita a Guimarães, a reforma administrativa traria enormes vantagens. Temos condições para sermos um grande concelho, um concelho em pleno desenvolvimento. Estou convencido de que feita

essa reforma administrativa o crescimento de Guimarães seria enorme e imediato. Por exemplo são más as vias de acesso de e para Guimarães. Quem pretenda ir de Braga para o Porto tem que passar pelo centro da cidade e o mesmo acontece a quem quiser ir de Fafe para Braga. Podiam criar-se rodovias mas além das verbas faltam também os técnicos. Guimarães está considerado como concelho rural de 2.ª ordem o que lhe limita desde logo o número de técnicos nos seus quadros. Ora nós já exigimos a elevação a concelho urbano de 1.ª ordem. Logo que seja atendida a nossa petição, aliás justa, poderemos aumentar os quadros e os serviços serão melhores. A reforma administrativa tarda, efectivamente, e enquanto demora vão-se protelando muitas realizações que podiam ser concretizadas mais rapidamente. Mais uma lacuna da burocracia.

«Jornal de Notícias».

A Imprensa Regional em crise

(Conclusão da 1.ª página)

Se as empresas tipográficas fossem agravadas nos seus interesses mas tivessem uma compensação de lucros, não haveria o direito de queixa.

Mas é sabido que a crise económica social, se reflete na engrenagem que constitui a sua vida.

Defendendo-se, cada um procura cercar despesas, e assim, quase desaparece a publicidade (nas terras em que a há, porque na nossa mal se divisa), com agravantes inúteis de numerar.

Enfim, a Imprensa Regional é uma das classes mais atingidas com o conflito que enlameia e enluta o Mundo.

Não é necessário dizer o papel que representa, na educação moral e cívica dos povos a chamada pequena Imprensa, aquela que, nesta e em todas as emergências, ainda que com sacrifício, aparece na primeira linha, esquecendo-se de si, para defender o interesse público e o da Região que serve.

Se muitos outros factos o não comprovassem, se o progresso das suas terras lhe não devesse os seus maiores triunfos e a conquista das suas justas aspirações, poderíamos citar factores de peso, que deixamos para melhor oportunidade.

Se é certo que pelo mérito da imprensa de cada Região se aquilata do valor cívico, moral e cultural do seu povo, seria justo que a mesma fosse cercada de um carinho forte, que lhe suavizasse as agruras rudes do dia a dia.

Tal não acontece, porém.

A. H. S.

* * *

Distribuição postal gratuita para os jornais não-diários

Enfim, vai fazer-se justiça, após uma luta titânica.

A propósito, transcrevemos de O Primeiro de Janeiro:

«Através duma entrevista concedida à R.T.P., o subsecretário de Estado da Comunicação Social, Soares Louro,

Vencer a crise económica por via democrática

(Conclusão da 1.ª página)

rações económicas. Em suma, a classe trabalhadora, demagogicamente conduzida no período gonçalvista pelos novos senhores da Revolução, não conseguiu tirar igual benefício sem afectar a segurança dos seus postos de trabalho.

O resultado de toda essa degradação económica, que apenas teve como objectivo arruinar as empresas, está à vista. O sacrifício da recomposição financeira do País vai recair primordialmente sobre a classe trabalhadora. Precisamente aquela que não tem rendimentos perpétuos e que, por isso, é a mais afectada pela praga do desemprego e pelo aumento do custo de vida num País onde a segurança social é ainda um mito.

O Governo apresentou um plano ambicioso que nenhum dos partidos da Assembleia rejeitou. O controlo e o planeamento de toda a

economia é a palavra de ordem essencial à recuperação económica, disciplinada por medidas adequadas que permitam atingir os grandes objectivos políticos democraticamente definidos.

Quanto a nós, o sacrifício tem de ser distribuído por todos, sem qualquer excepção, desde dirigentes a dirigidos e de empresários a trabalhadores.

Evidentemente que o papel do Governo terá de ser adiantado no sentido de garantir às pessoas e comunidades a possibilidade de saírem da situação difícil em que se encontram, criando as condições propícias e necessárias à sua emancipação económica.

E neste aspecto, a descentralização efectiva, quer a nível urbano quer regional, irá ser, num futuro próximo, um factor importante na solução de muitos problemas e de muitas carências.

Mas para isso será indispensável que o caos e a demagogia cedam definitivamente o lugar à ordem e à competência, democraticamente reconhecidas, e que os trabalhadores intervenham com consciência na gestão e no controlo das unidades produtivas no sentido de as enriquecer para seu próprio proveito e para o engrandecimento do País a que pertencem.

«O Primeiro de Janeiro».

Peregrinação à Penha

(Conclusão da 1.ª página)

Eucarística e bênção à cidade e aos Peregrinos.

Às 17,30 horas: Exposição do Santíssimo. Terço e Santa Missa Vespertina.

NOTA — Haverá missas no Santuário às 8 e às 10 horas.

Intenções:

1.º — Reparação pelos públicos atentados contra as verdades fundamentais da Fé, mormente pelas blasfémias contra Nossa Senhora, Mãe de Deus, Mãe dos homens e Padroeira de Portugal.

2.º — Súplica pela Reconciliação de todos os portugueses e pela Renovação da comunidade nacional, a partir dos valores inalienáveis da pessoa humana.

3.º — Acção de Graças pela protecção dispensada pela Padroeira a Portugal nas horas difíceis por que tem passado e pela conservação da vida do Venerando Arcebispo Primaz.

IMPrensa

«Justiça da Fafe»

Sob a direcção do Sr. António Augusto Rebelo de Almeida, começou a publicar-se o semanário regionalista *Justiça de Fafe*, que se apresenta com bom aspecto gráfico e excelente e variada colaboração.

Saudamo-lo com os desejos de muitas prosperidades.

INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

EM GERAL

REPARAÇÕES

Por pessoal QUALIFICADO

J. MONTENEGRO, L.DA

Rua de S. Gonçalo, 1052/68
Rua de Alcobaça, 59/63
Telefone 42258/9
GUIMARÃES

AO CORRER DA PENA... Promessas

(Conclusão da 1.ª página)

do Jornalista Germano Silva, que sobre esta cidade tem escrito mais artigos e reportagens que é de justiça relevar pelo espírito de apreciação e conhecimento que revelam, merecedores da gratidão dos vimezanenses.

O candente problema da colocação em Guimarães dos Cursos Tecnológicos da Universidade do Minho, «que sempre estiveram destinados a ser implantados em Guimarães», como o mesmo jornalista afirma, como preito à verdade, é o assunto mais importante que sobressai da entrevista com o vereador da C. A. da Câmara Municipal, Sr. José Lopes. Não vamos transcrever integralmente esse depoimento mas colher dele os motivos que possam fazer abalar a sonolência que em volta deste capital problema se tem feito, com prejuízo para os interesses desta terra, dada a sua fraca potência política, que sempre possuiu, pela dedicação mais profunda ao trabalho industrial e comercial, do que aos meandros da acção política, o que lhe tem ocasionado prejuízos de vulto, inclusive, ao próprio labor económico, porque, uma e outra estão intimamente ligados e são indissolúveis.

Se é irreversível, como se afirma, a decisão governamental de criar nesta cidade de Guimarães, esses Cursos Tecnológicos, é caso, porém, para interrogar: porque não se procura efectivar sem demoras, arredando todos os obstáculos, essa criação, dadas as dificuldades de ensino universitário no País e quando tantos alunos procuram seguir os seus estudos sem que haja estabelecimentos de ensino suficientes? Quantas vidas promissoras vêem o seu futuro sem esperança e as necessidades, como de técnicos industriais na região sem os quais não é possível desenvolver, progredir e aperfeiçoar o trabalho do qual dependem, a vida de vastas populações e o labor de muitos milhares de operários. Ora isto é bem superior aos apetites caseiros e a certas posições de prestígio cidadão que se ambicionam, mesmo à custa do detrimento de muitos.

A concretização desses cursos em Guimarães não pode demorar e ao Governo compete fazer cumprir o que está deliberado e a causar dificuldades ao desenvolvimento económico, como ao futuro de muitos estudantes que aguardam a abertura de estabelecimentos superiores de ensino.

Deixar de confiar para agir com convicção

Vivemos um período de «paz podre», que antecede as próximas eleições para as autarquias, e, portanto, quem vier que resolva os problemas e defenda as aspirações em suspenso... Não podemos aguardar indefinidamente que o tempo trabalhe a nosso favor, quando os outros não deixam de se esforçar no alcance dos seus desejos, mesmo que não sejam legítimos. As autoridades municipais não podem nem devem descurar o caso dos Cursos Tecnológicos, como os senhores Deputados vimezanenses não devem de, neste momento de intervalo dos trabalhos parlamentares, deixar de estudar este caso para o defenderem com denodo e vigor quando a Assembleia da República abrir. Serão os deputados aqueles em cuja responsabilidade assenta as necessidades e os direitos dos povos que representam — neste caso, os interesses soberanos de Guimarães e da sua gente.

Temos de evitar «dormir na forma», ou perder o hábito de esperar que nos façam justiça, confiados nos direitos que possuímos. Sem os defendermos, sem lutarmos por eles, nunca veremos realizadas as necessidades que mais sentimos. É que os outros lutam e inventam até razões, para as defenderem depois como direitos...

Mudam os governos, mudam os regimes, mas não muda nem mudará o amor à terra em que nascemos ou vivemos. Defendê-la é um dever. Só a não defendem os abúlicos e os pérfidos. Qualquer política que não desperte no povo o amor acendrado à terra natal e à Pátria, pratica um acto de traição.

Precisamos de agir convictamente e depressa.

As obras da parte antiga da urbe

A valorização da parte medieval a que se refere a entrevista atrás referida, pelo acabamento dos trabalhos importantes que ali foram executados, principalmente, a estalagem, são melhoramentos de grande valia para toda essa parte antiga, que assim, melhor se classifica como elemento de atracção turística, de que poucas cidades se ufamam.

A reintegração no seu estilo original, é de facto uma grande medida, mas não deve atraiçoar-se essa intenção. O estilo característico das fachadas e varandas dessas velhas casas, são, particularmente as portas, de alizares com molduras e as varandas com pilares torneados, de belo aspecto. Nas varandas de pedra com sacadas de ferro, estas deviam ser sujeitas ao estilo antigo (como por exemplo as varandas da velha *Domus Municipalis*). Varandas se vêem na Rua de Santa Maria que não são antigas.

Com a intenção de contribuir para que esse estilo característico se mantivesse, fizemos publicar neste Jornal, uma sugestão para a fachada do edifício da estalagem de autoria do Sr. Dr. Moura Machado, illustre vimezanense, ao sabermos que se pretendia reproduzir a mesma frontaria, quando ela nem traduzia a pureza desse estilo e aonde a sacada de ferro corrida, não passava de um enxerto grosseiro. Essa sugestão reunia toda a beleza que esse estilo local possui.

Mantendo-o, é o melhor serviço que se presta à cidade pela manutenção dessa tradicional e vetusta parte do antigo burgo.

- 1 — Fizeram aos pobres prometimentos infecundos e eles quedaram-se a meditar à beira dos charcos onde as rãs coaxavam quimeras.
- 2 — aguardaram incrédulos desde esses dias longínquos junto do muro das lamentações onde, quase moribundos, ouviam palavras de vida eterna.
- 3 — O seu espírito permanecia desperto e o seu corpo não tinha pressa de morrer.

VICENTE FERREIRA.

Parque Industrial

O jornal *O Primeiro de Janeiro*, de 1 do corrente, referia-se «às vantagens dos parques industriais para as pequenas e médias indústrias», afirmando: «Prevê-se que os parques industriais venham a constituir um instrumento de valia na evolução da economia portuguesa. A Associação Industrial Portuguesa considera que os parques industriais têm-se revelado valiosos instrumentos de promoção, sobretudo, das pequenas e médias empresas». A comunicação daquela colectividade termina por dizer: «Aliás, tanto em países de economia de mercado como em países de economia centralmente planeada, os parques industriais multiplicaram-se nos últimos trinta anos, com resultados regra geral muito positivos».

Depois, faz referência à primeira iniciativa neste campo, o Parque Industrial-Piloto de Braga-Guimarães, com uma implantação em Celeirós (Braga) e outra em Taipas (Briteiros) ou noutra local de zona de influência de Guimarães.

Perante a necessidade de parques industriais, para fazerem evoluir a economia portuguesa, nesta altura em que o progresso fabril e o seu desenvolvimento se impõe e é terminante para a vida nacional, dada a penúria que atravessa e que pode arrastar o País a um colapso de resultados tremendos, todavia, a expansão industrial, para sua garantia e solidificação, tem de ser assegurada por uma acção política que a evite de sobressaltos e das contingências que tem feito desarvorar muitas iniciativas, temerosas pelo seu futuro e desconfiadas dos seus resultados. Só pode haver trabalho, criando trabalho. Crie-se, portanto, o Parque Industrial de Guimarães.

A droga — o crime em acção

A liamba «riamba» ou «cangonha» tem mais nomes ainda em diversas partes do Mundo.

Na América do Norte «marijuana»; no México e em Marrocos «griffa»; na Argélia «kif»; na Turquia «habac»; na Síria e no Líbano «haschic»; na Índia «hang» ou «gama».

O seu nome original parece ser «cânhamo índico». Transformado em tabaco e fumado em cigarros ou em cachimbos, produz a seguinte intoxicação: euforia e o indivíduo sente-se alegre, excitado, fala muito, havendo variações conforme o temperamento do seu estado normal. Depois surge uma instabilidade mental, com ilusões e alucinações, estado delirante, de desorientação, sensação de desdobraimento psíquico com características de loucura e notável sugestibilidade. À excitação segue-se a depressão, a indiferença e sono profundo. Tudo passado, o indivíduo pode não se recordar do que se passou.

É durante a fase confusional que se desencadeiam os crimes e os suicídios. O uso e abuso da droga conduz à intoxicação crónica, a delírios crónicos e à demência incurável. Finalmente, o indivíduo degrada-se, emagrece, cai em caquexia profunda que o pode conduzir à morte.

Num dos seus nomes «haschic» há quem pretenda ver o significado de assassino que bem o justifica pelos seus efeitos. (De *O Comércio do Porto*, de 22-8).

São estes efeitos sinistros da droga em uso e que bandidos da pior espécie distribuíam entre os alunos do Liceu, Escola Técnica e até pelas crianças do Ciclo Preparatório, como fomos informados por três alunos, que conheciam os tipos, um deles de grande cabeleira. Essa distribuição era feita em cigarros e rebuçados, gratuitamente.

Perante este crime sem nome, a esperança dos pais reside em que a polícia deite mão segura a esses assassinos e os deportem para lugares onde não possam fazer mal e nem haja a quem tirar a saúde e a vida.

A sociedade não pode viver nem coexistir com criminosos desta natureza.

A. F.

Biblioteca Pública

Reabriu ao público no dia 1 do corrente, a Biblioteca Pública n.º 127 da Fundação Calouste Gulbenkian, instalada no edifício dos antigos Paços do Concelho, ao Largo da Oliveira.

Serão mantidos os horários anteriores, com abertura das 16 às 20 horas e das 21.30 às 23 horas.

Breves reflexões

(Conclusão da 1.ª página)

são poemas em prosa. Depois, há nessas páginas a beleza dum nobre espírito que ensina a amar a saudade e a enaltecer a tristeza no que ela evoca de grande na vida humana.

As árvores, as fontes, os rios, os velhos caminhos, a casa onde nascemos e vivemos, as serras, os campos e os montes, amam-se como se seres humanos fôssem e a quem nos ligam liames indestrutíveis da própria vida. Amor e sentimento. O próprio tédio.

Talvez uma nova filosofia do amor e da saudade haja que dever-se à veneranda Senhora, irmã de Pascoaes. E aquele Marão, de ameaças ciclópicas, de dorsos esmagadores, de flancos geográficos que nos entontecem, como se dimensiona à nossa alma em *Último Livro!*

Que pena, se assim é. Levados por esse espírito gentil e nobre, também queremos comungar num cântico sublime à Natureza e dialogar com a vida que passou, em imagens de drama.

□

Escreveu o Alfredo Guimarães, que nos sítios ermos se ouve a voz do silêncio.

Fugir ao barulho, ao movimento, à vida febril das multidões, à ansiedade tormentosa dos dias de hoje, é buscar a revitalização da própria alma, um novo ser.

Podemos falar com a terra, com as árvores, com a nossa consciência, com o próprio Deus numa linguagem serena e confiante, de amor, perdão e esperança. Podemos pedir à Natureza a lição altíssima dos seus mistérios e da sua onipotência. Escutamos a voz dos séculos e as angústias das gerações — como a realidade temerosa e sepulcral dos nossos mortos. Conquistamos a consciência do nosso ser. Sabemos que *somos*, sentimos a nossa presença espiritual no Cosmos, a caminho do Além. O silêncio é para nós a meditação da trágica odisseia da vida e do misterioso triunfo que fica para lá dos seus umbrais. O mundo das desditas e das desilusões, tem a morte efémera da nossa distância para depois nele crescermos as figuras epopeicas e lendárias dum novo *Génesis*. Somos um fantasma no silêncio.

□

As folhas das árvores já rodopiam por aí. A visão outonal, de entardeceres suaves e poalhas de ouro, é a visão de tantas ilusões que morrem sem história e sem fé.

J. de G.

DESPORTO REPAROS DA SEMANA

FUTEBOL

Campeonato Nacional da I Divisão

No dealbar...

Principiou a «maratona» de 1976/77, com justificado interesse e a expectativa que é já tradicional.

Todos os clubes procuraram valorizar-se, o melhor que puderam e souberam, para a conquista duma boa posição.

Os chamados «grandes» mantêm as suas aspirações e os outros, que muitas vezes lhes fazem a vida cara, esforçar-se-ão por um bom lugar ao sol...

Está neste caso o Vitória, que se tem fixado numa posição bastante honrosa.

Desta feita foi até à Tapadinha, onde quase sempre faz figura...

E mais uma vez se confirmou a tradição: os vimaranenses ganharam de maneira incontestável — 0-2.

Após uma «rodagem» breve em jogos particulares, com resultados negativos, mas que serviram, como se compreende, para necessárias ilações técnicas (só para isso), o Vitória entrou na prova com o pé direito e revelando méritos incontestáveis. O jogo já foi a valer — e a valer foi a actualização dos vimaranenses.

O encontro com o Atlético desvaneceu conjecturas precipitadas e confirmou o que nos parece ser uma ideia válida: temos equipa para honrar as tradições e dar confiança aos adeptos.

Há que trabalhar, está certo. Mas os «operários» não-decorrespondem.

BIBLIOGRAFIA

«Discursos Políticos»

Pelo Ministério da Comunicação Social (Direcção-Geral da Divulgação), foram reunidos em volumoso livro os discursos políticos do General Costa Gomes, pronunciados durante o período em que desempenhou as altas funções de Presidente da República, bem como as entrevistas concedidas a jornais e televisão estrangeiros.

Trata-se duma colectânea repleta de interesse político e histórico, que reflecte um período conturbado da vida portuguesa. As intervenções públicas do General Costa Gomes buscaram sempre um caminho rectilíneo na orientação política e social do país, quando os espíritos se agitavam e se interrogavam na incerteza de graves problemas.

A História promoverá o seu juízo de valor acerca dum distinto militar e grande português que soube servir a Pátria.

Estágio em Barcelona

Encontra-se em Barcelona (Espanha), a frequentar um estágio na Academia de Corte «Rocosa», o proprietário da Alfaiataria «Damião».

REPARAÇÕES DE QUALIDADE

Oficina de Reparações eléctricas em automóveis e bobinagem de motores

Sulpício Ribeiro de Oliveira

Avenida D. João IV Telef. 42688

GUIMARÃES

(Conclusão da 1.ª página)

Que lucra o País e todos nós com estes gestos de violência que reflectem espíritos mesquinhos de homens sem sentimentos de dignidade e amor pelo próximo?

O desvario dominou essa gente que só na violência e na destruição viu a possibilidade duma «revanche» política.

Surpreende que ligados a facinoras dos atentados à bomba e dos incêndios estivessem indivíduos com elevado nível de responsabilidades. Cegou-os a vingança. Cegou-os a «desforra» política que, afinal, desenhada com estes trágicos «argumentos», não dignifica ninguém.

Todos esperamos que sejam severamente castigados os criminosos: os que mandaram e os que executaram a troca de dinheiro, numa sujeição vergonhosa e miserável.

Que se faça justiça!...

A vida cara

Os queixumes são de todos — as lamúrias são gerais. A vida (ou seja, o custo de tudo o que é necessário à sobrevivência), está, como se diz em linguagem popular, pela hora da morte...

Surgem aqui e além movimentos reivindicativos, porque a muitos é impossível viver com os proventos que auferem.

Há famílias numerosas que são sustentadas apenas pelo chefe da casa e só Deus sabe no meio de que tremendas dificuldades. Também é certo que as há com a maior parte dos seus membros a trabalhar e a ganhar dinheiro, com um rendimento mensal apreciável. Mas o problema grave da carestia atinge aqueles (e são a maior parte), que não auferem o que na realidade necessitam.

A subida astronómica dos preços só não incomoda aqueles «estratos sociais» que continuam a desfrutar condições privilegiadas e rendimentos que podem considerar-se fabulosos.

A vida cara é um problema. Os conflitos sociais têm sempre uma origem económica — ou esta é fundamental nos processos de estabilidade política. O Governo socialista tem uma tarefa ingente. Oxalá vá encontrando soluções sem esquecer os imperativos da justiça social em que todos estamos empenhados.

Mas que os oprimidos de sempre não continuem a ser sempre os mais oprimidos.

A bom entendedor...

Servir a terra

Servir Guimarães, acudir presurosamente às suas necessidades mais instantes, fomentar o seu desenvolvimento e trabalhar por melhores condições de vida da população, deve ser a palavra de ordem, a divisa de acção das futuras autarquias administrativas.

Almeida Ferreira, com a sua inteligência, a sua sensatez, o seu grande amor a Guimarães e o conhecimento profundo de todos os seus problemas, tem analisado nestas colunas o fenómeno político-regional e colocado nos devidos termos a posição de quem terá de enfrentá-lo.

E citando exemplos, diz e diz muito bem que para servir e trabalhar por Guimarães não interessa a paixão ideológica de quem o possa fazer e reúna para isso as condições e a capacidade indispensáveis.

Nas futuras autarquias admi-

nistrativas, TODOS se podem encontrar, com o objectivo comum, sem paixões nem querelas políticas: fomentar o progresso de Guimarães e servir o seu povo nos seus direitos mais legítimos. E por que não escolher para servir os destinos das terras, homens politicamente independentes mas de reconhecida idoneidade moral e superior capacidade de acção e trabalho?

A política divide muitas vezes os homens e nós temos observado este fenómeno em Guimarães. É pena. Onde está a tolerância

Opiniões alheias

Simpatia que compromete

«O quadro, aparentemente confuso, tende a tornar-se mais claro. A ultra-esquerda aproxima-se do P. S. A direita antecipa que não derrubará o governo minoritário nos tempos mais próximos. Mas o C. D. S. considerou oportuno, também reafirmar mais uma vez que o seu partido condena as nacionalizações, a Reforma Agrária e outras reformas estruturais, porque tais transformações «ocorrem sob o signo de uma certa perspectiva mais ou menos flutuante do socialismo». O C. D. S. não exprime apenas a sua repulsa pelo socialismo no momento em que o Partido Socialista vai assumir as responsabilidades do governo. Esclarece que respeitará a Constituição como «texto jurídico e objectivo» e honrará «o seu espírito em tudo quanto não seja emblemático ou sujeito de interpretações ideológicas». A restrição é clara. Cita-se o espírito, mas não a letra. Ora uma Constituição cumpre-se ou não se cumpre. E o C. D. S. defralda já contra a lei fundamental o espantoso da ideologia.

As declarações de simpatia do C. D. S. e da U. D. P. deveriam soar como alerta à vigilância do P. S. Algo está profundamente errado na linha de um partido democrático quando ele é simultaneamente cortejado pela extrema direita e pela ultra-esquerda.»

«O Diário».

Resistência aos fascismos

«Resistir para construir é, sem dúvida, uma das metas primordiais a atingir por Ramalho Eanes. Ingenuamente ou não, este aspecto terá passado despercebido a muitas pessoas que tão bem sabem que nem todas as forças actualmente em jogo estão interessadas no triunfo próximo da democracia em Portugal.

Resistir e resistir com igual denodo aos vários fascismos parece-nos estar exemplarmente claro na agenda do presidente. Foi, aliás, o que do primeiro ao último parágrafo de ambos os discursos não deixou de ser realçado em cada pontualidade que ao presidente pareceu bem escarpelar desde a primeira hora.»

«O Dia».

de que quase sempre se fala em comícios e divulgações programáticas e que se acolhe à aliciante e atraente cobertura democrática?

A política veio dividir os homens.

Dizia-nos há dias uma personalidade influente e conhecedora do fenómeno, que a unidade que se opôs ao fascismo, se transformou agora em desunidade capaz de lhe facilitar os atrevimentos.

Unam-se os homens para servir Guimarães e honrar a fé política que cada um professa. Uns têm que mandar mesmo. Os outros têm que colaborar.

X.

O golpismo sindical...

O desinteresse dos trabalhadores pelo que se passa nos seus sindicatos é notoriamente um factor preponderante do domínio sindical por parte dos elementos mais activos que a coberto de um aparente «apartidarismo» se mantêm nos comandos directivos da vida sindical.

A maioria dos trabalhadores esquece a responsabilidade que lhes pode ser imputada por orientações emanadas dos seus órgãos representativos que, muitas vezes, substituem o interesse da classe pelo do partido a que pertencem, criando estados de conflito que a curto prazo ainda mais agravam a situação económica do trabalhador.

Para alguns destes «representantes» dos trabalhadores o risco de desemprego, que estes possam vir a correr no futuro, nada significa desde que mantenham uma confusa reivindicação de direitos, susceptível de emperrar a máquina produtiva e de criar dificuldades ao governo, servindo, deste modo, os interesses dos que de qualquer maneira, mesmo contra a vontade da maioria, pretendem impôr uma doutrina económica onde o privilégio do partido único volte de novo a explorar o povo português.

A nível sindical, há direcções que, para se manterem nos postos de comando, quando se aproximam as eleições, pregam «o apartidarismo», convencidas de que foi esquecido o seu jogo a favor de qualquer partido político.

A memória dos homens não é tão frágil que não se recorde da participação activa de algumas dessas direcções sindicais no apoio aos SUV e nas barricadas ao estádio das An-

«Comércio de Guimarães», n.º 7035, 10-9-1976



Tribunal Judicial da Comarca de Guimarães

Anúncio

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo de Direito da comarca de Guimarães, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados João Fernando Cardoso Ribeiro Dias e esposa Dorinda Soares Cardoso Dias, residentes na Quinta de Segade, freguesia de Santa Eufémia de Prazeres, desta comarca, para no prazo de 10 dias, posterior a aquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução de sentença movida pelo exequente José Machado, casado, comerciante, residente na Avenida Conde de Margaride, desta comarca.

Guimarães, 21 de Julho de 1976.

O Juiz de Direito,

Mário de Magalhães Araújo Ribeiro.

O Escrivão,

Alberto de Magalhães Dias.

tas em 18 de Julho do ano passado.

Por isso, nos revelamos contra todo e qualquer «golpismo sindical», desde a utilização junto dos trabalhadores menos esclarecidos de uma pretensa acção socialista, encobrindo o seu verdadeiro rótulo, até à divulgação exclusiva dos seus programas ou, o que é ainda sintomaticamente mais grave, o desplane de sugerir uma única lista (a deles, claro) porque «o sindicato não tem dinheiro para campanhas...»

Os trabalhadores para evitarem estes «golpismos», venham eles de onde vierem, devem participar nas reuniões sindicais, evitando ser ludibriados por «pseudo-socialistas», exigir a concorrência de mais do que uma lista, pois é o único instrumento legal que lhes permite combater abertamente as «direcções vitalícias».

O desinteresse dos trabalhadores pelo que se passa na vida sindical só serve o interesse dos que, na sombra, continuam a manobrar em nome dos trabalhadores os fins partidários, sem coragem de os defender abertamente porque sabem que muitos desses princípios de raiz totalitária seriam imediatamente rejeitados à nas-
cença.

«O Primeiro de Janeiro».

O COMÉRCIO DE GUIMARÃES

Propriedade de H.ªs de M. Matilde C. F. Machado

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
Rua D. João I — 59-61, Telefone, 42508 — GUIMARÃES